REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 337

1 DE MAIO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem continuado em Lisboa as manifestações de sympathia, de consideração e de respeito a Pinheiro Chagas, e as demonstrações de regosijo pelo seu quasi milagroso restabelecimento.

No domingo 22 d'abril celebrou-se na egreja dos Martyres um solemne *Te Deum* em acção de graças pela cura do eminente e glorioso escriptor.

Esse *Te Deum* foi uma festa brilhantissima.

O templo estava todo adornado com plantas e arbustos, ornamentação elegantissima e nova entre nós, feita a expensas e sob a direcção do sr. conde de Burnay.

O *Te Deum* que se executou foi o do sr. Freitas Gazul, uma formosa peça musical, que tem sobre os outros *Te Deums* portuguezes a vantagem de não metter vozes de soprano, livrando-nos assim do esganiçamento ridiculo e grotesco dos sopranistas.

N'esse *Te Deum* foram intercalados dois solos, um de barytono, outro de tenor, que tiveram uma execução magistral, segundo nos affiançam, por parte do grande cantor portuguez Francisco de Andrade, e do illustre amador o sr. João Affonso.

A concorrencia ao *Te Deum* foi enorme; a egreja regorgitava de gente, e no Chiado, em frente do templo agglomerava-se enorme multidão.

Quando, finda a ceremonia, Pinheiro Chagas, sua ex.ma esposa e filhos, entravam para a sua carruagem, a multidão irrompeu em enthusiasticos vivas e applausos.

Pinheiro Chagas, profundamente commovido, agradeceu essa eloquentissima manifestação popular de sympathia e de estima, e em muitos olhos brilharam lagrimas do mais sincero jubilo.

Na quinta feira 26, o partido regenerador offereceu a Pinheiro Chagas, um banquete no salão da Trindade.

Esse banquete, que não era exclusivamente partidario, mas que tinha uma feição politica perfeitamente accentuada, que não afastando da manifestação os amigos pessoaes de Pinheiro Chagas que não militam na politica, impunha comtudo certas reservas aos seus amigos que pertencem a outros partidos, foi de 200 talheres.

O espaçoso e bello salão da Trindade estava elegantemente adornado com flores e arbustos, no estrado do alto da sala, tocou durante o jantar uma orchestra sob a direcção do maestro Gaspar, e o banquete correu animadamente, havendo sempre grande enthusiasmo e alegria e sendo cobertos com ruidosas ovações o brinde feito por Pinheiro Chagas, e todos que ao grande escriptor e illustre estadista foram dirigidos.

O banquete foi presidido pelo sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, chefe do partido regenerador, tendo á sua direita Pinheiro Chagas.

O primeiro brinde foi levantado pelo sr. conselheiro Serpa, a el-rei e á familia real, e logo em seguida a Pinheiro Chagas.

O segundo foi de Pinheiro Chagas ao partido regenerador. Em seguida discursaram os srs. Hintze Ribeiro, Julio de Vilhena, Cau da Costa, Luciano Cordeiro, como representante do jornal regenerador mais antigo, e fechando os brindes o sr. Manuel d'Assumpção com um eloquentissimo brinde á esposa e filhos de Pinheiro Chagas.

No fim do jantar Pinheiro Chagas quando sahiu foi alvo d'uma ruidosa ovação do povo que se juntára á porta do salão da Trindade.

Agora alguns amigos pessoaes e collegas na imprensa do eminente escriptor pensam em organisar em honra de Pinheiro Chagas outro banquete, esse sem feição nenhuma politica e sendo simplesmente uma manifestação de consideração, de estima, de respeito e de sympathia pelo extraordinario homem de lettras, pelo vigoroso jornalista, pelo brilhante auctor dramatico e pelo prestigioso orador.

A pessoa que escreve estas linhas teve o desgosto de não poder assistir nem ao *Te Deum* nem ao banquete do salão da Trindade em homenagem a Pinheiro Chagas, a quem o liga ha muitos annos a mais estreita amisade a mais profunda consideração; o lucto d'um parente querido, arrebatado em plena mocidade aos carinhos e á estima da sua familia, que o estremecia, dos seus amigos que o idolatravam, não lhe permittiu o poder associar-se, como desejava e como tencionava, a essas brilhantes e sympathicas festas em honra de Pinheiro Chagas.

Exactamente no dia e ás horas em que no templo dos Martyres se cantava o alegre *Te Deum*, cumpriamos nós o triste e piedoso dever de acompanhar ao cemiterio o cadaver do malogrado e infeliz Carlos d'Eça de Queiroz, morto aos 25 annos, pela tisica, pela cruel e implacavel tisica, que

O CONSELHEIRO DR. JOÃO HENRIQUE MORLEY — FALLECIDO EM 31 DE MARÇO DE 1888

(Segundo uma photographia de Martinez)

em pouco tempo tem roubado á familia Queiroz tres filhos em plena juventude, no vigor da vida e da mocidade.

E a dôr que nos punge como amigos do pobre morto e da sua desolada familia, o lucto que nos cobre como parentes proximos, não nos permittiu tomar parte n'essas homenagens alegres e festivas, celebradas em honra de Pinheiro Chagas.

Mas Pinheiro Chagas sabe bem como nós nos associamos a todas as homenagens prestadas ao seu genial talento e ao seu excepcional caracter, sabe bem quanto lhe queremos e quanto o admiramos, sabe bem a alegria infinda, o *Te Deum* jubiloso, que canta a nossa alma, desde o dia que em sua casa, ao pé da cabeceira do seu leito, ouvimos da bocca dos seus medicos a phrase santa e triumphal — Está salvo!

Terminei a minha ultima chronica com uma triste noticia que momentos antes tinha corrido rapidamente a cidade, surprehendendo e sobresaltando toda a gente: — a noticia do envenenamento da actriz Anna Pereira.

Essa noticia era nimiamente verdadeira e o nosso pesar é que a ultima parte da noticia não o fosse tambem: aquella em que se dizia que applicados a tempo os soccorros da sciencia, a illustre actriz estava já livre de perigo.

Não estava, e o que é mais triste ainda e mais desanimador é que nem mesmo o está hoje, que já passaram sobre o caso quasi quinze dias.

Ao principio julgou-se effectivamente que a medicação revulsiva empregada logo energicamente fizesse abortar os effeitos terriveis do veneno tomado.

Mas a esperança que houve esvaeceu-se logo: uma grande quantidade de symptomas alarmantes manifestou-se no dia seguinte ao do envenenamento, symptomas que, aggravando-se cada dia mais, tem feito receiar muito pela vida da estimada actriz.

O facto impressionou profundamente o publico e mais profundamente do que o suicidio de qualquer outra pessoa, porque Anna Pereira, uma das actrizes mais festejadas e queridas da nossa terra, era principalmente conhecida pelo seu talento jovial, pela sua ruidosa alegria, pela verve finamente comica com que entre nós creára os mais notaveis personagens da opera burlesca moderna.

Que uma artista tragica se suicide, comprehende-se, está no seu papel, é a continuação em casa dos melodramas do theatro — notem, porém, senhoras actrizes tragicas, que isto não é de fórma alguma um incentivo á massa phosphorica, nem tão pouco um convite a pespegarem com as suas gentis pessoas do alto das suas saccadas sobre os pacificos transeuntes que passam — mas que uma actriz comica de primeira ordem, que uma actriz que tem passado a vida a fazer rir o publico, tome voluntariamente, inesperadamente, o papel dramatico que o faça chorar, é que não está dentro dos limites da verdade dos temperamentos, da logica das individualidades.

A individualidade, o temperamento artistico de Anna Pereira, é um dos mais alegres, dos mais turbulentos, dos mais joviaes que tem a scena portugueza.

Da Carlota do *Barba Azul*, do Garat do *Rouxinol das Salas*, do Boccacio e do Mephistó, podia-se esperar tudo, menos o suicidio.

E eis que de repente, isso que não se esperava, que não se previa, vem surprehender e contristar todo o publico.

Ao principio ninguem acreditou na noticia; depois os menos romanticos, os mais positivistas e azedos começaram a acreditar na noticia sim, mas não no envenenamento.

Houve mesmo quem tomasse a coisa como uma *ficelle* d'artista, como um envenenamento de theatro.

Essas pessoas eram porém em numero muito limitado, só aquellas que não conhecem de perto a illustre actriz e que portanto ignoram as qualidades sérias e dignas do seu caracter de mulher.

Mas houve uma versão que se espalhou com muita insistencia e que no fim de contas parece averiguado não ser falsa.

Essa versão diz que Anna Pereira pensando ha muito tempo já em se matar — o que está averiguado, ser assim — pedira a um droguista, tambem que já depois d'isso falleceu, uma porção de arsenico, para dar cabo d'uns ratos que lhe estragavam tudo em casa.

O droguista não quiz dizer que não á illustre artista, fez-lhe a vontade, ou pelo menos fingiu fazer-lh'a, e dizendo-lhe que lhe dava o arsenico edido, deu-lhe mas foi magnesia calcinada.

Anna Pereira muito crente de que tinha alli n'aquelle pó, arsenico mais do que sufficiente para se matar, guardou-o cuidadosamente.

Hesitou por muito tempo em levar a cabo o seu funebre plano, e hesitou menos por medo da morte do que por medo do ridiculo.

Agora porém veiu a primeira representação da *Sexta parte do mundo*, uma peça de espectaculo em que ella tinha um papel eminentemente dramatico, umas tiradas e umas scenas que deviam fazer chorar as pedras.

As pedras não choraram; quem chorou foi o publico: chorou de riso.

Anna Pereira ficou fulminada por essas gargalhadas de troça, que pela primeira vez encontrava na sua gloriosa e longa carreira theatral.

E completamente desnorteada, ferida na sua dignidade d'artista, não quiz saber de mais nada, não quiz saber da sua escriptura, não quiz saber dos interesses da empreza, que tinha obrigação de servir, e retirou-se do theatro, jurando nunca mais representar essa peça.

Este procedimento da actriz, sacrificando a um seu capricho os interesses da empreza seriamente envolvidos no seguimento das representações d'essa peça, em que gastára cerca de 3 contos de réis, foi censurado por muita gente e até por pessoas muito amigas de Anna Pereira.

E essa censura, que a sua consciencia lhe dizia ser merecida, o desgosto causado pelas risadas sarcasticas com que o seu trabalho dramatico fôra recebido, parece que activaram no seu espirito já enfermo a resolução da idéa do suicidio, ha tanto tempo alimentada.

E então foi-se ao arsenico que tinha guardado, envolveu-o n'um pedaço de hostia, e tomou-o.

Era realmente arsenico? Era magnesia? Ignora-se se isso está averiguado. O que é certo, porém, é que apesar da medicação energica que lhe foi feita, Anna Pereira começou a peiorar, sobrevieram-lhe homorrhagias, inchação, delirio, e o seu estado é gravissimo ha já uns poucos de dias.

Não tendo tomado ella arsenico, poder-se-hia explicar o seu estado?

Não sei, por que não sou medico nem percebo nada de medicina, mas segundo a opinião de alguns medicos a impresão moral de se ter envenenado, conjunctamente com o estado melindroso da sua saude — pois Anna Pereira ha muito que padecia d'uma terrivel enfermidade d'estomago, — talvez possam fornecer essa explicação.

Seja como fôr porém, o que infelizmente é certo é que Anna Pereira a illustre artista da Trindade, a famosa interprete das mais notaveis creações da musica de Offenbach, de Lecocq e de Hervé, tem estado e está ainda ás portas da morte, sem que haja muitas esperanças de a ver restituida á vida, de a ver restituida ao theatro de que era uma das mais brilhantes estrellas.

E esta noticia tem contristado toda a gente, e tem feito profunda impressão não só no mundo dos bastidores onde Anna Pereira era muito estimada como collega, mas em toda Lisboa onde Anna Pereira era, e muito justamente, admirada e querida como artista.

Fazemos sinceros votos pelo seu prompto e completo restabelecimento.

Gervasio Lobato.

JOÃO HENRIQUE MORLEY

A classe medico-militar perdeu pela morte um dos seus membros, que ao mesmo tempo, era um ornamento e uma eminencia da corporação, perdeu o cirurgião em chefe, conselheiro João Henrique Morley, succumbido no dia 31 de março ultimo aos estragos de uma profunda anemia. O finado cirurgião em chefe do exercito serviu quarenta e oito annos, e, para se fazer uma idéia aproximada do que isto vale em canceiras e em serviços na nossa carreira de medicos do exercito, exporemos em brevissimas notas os apontamentos biographicos que possuimos ácerca da historia medico-militar do nosso chorado chefe.

Ha n'elles factos medico-militares e factos sómente militares. Como synthese dos primeiros, citaremos o seu esclarecido logar de chefe da 6.ª repartição do ministerio da guerra, posto que é como a cupula do nosso edificio, cheio de difficuldades e de attenções, e a que só póde satisfazer um espirito, tão culto como experimentado, e lembraremos tambem o alto do Viso, que é a affirmação das qualidades de bom cirurgião prestada, logo no inicio da sua carreira, pelo então cirurgião mór, João Henrique Morley; como synthese dos segundos, dos feitos rigorosamente militares, recordaremos a acção de Vianna do Alemtejo, no dia 28 de outubro de 1846.

Mas vejamos as suas notas biographicas, e o que ellas representam de lida, de trabalhos, e de uma vida utilmente empregada, na sua simplicidade, da folhas do livro de registro dos facultativos do exercito:

«Nomeado cirurgião ajudante do exercito em 10 de dezembro de 1840, e collocado no batalhão de infanteria n.º 6. Passou ao regimento de granadeiros da Rainha, em 13 de janeiro de 1843. Promovido a cirurgião mór para o regimento de cavallaria n.º 5, em 13 de janeiro de 1845. Sendo cirurgião mór d'este regimento, foi mandado fazer serviço no regimento de infanteria n.º 11, em 10 de julho de 1845. Foi mandado recolher ao corpo, em 10 d'outubro do mesmo anno. Passou á 1.ª secção do exercito, em 14 de agosto de 1846. Collocado no regimento de cavallaria n.º 5 em 31 d'outubro de 1846. Passou ao regimento de infanteria n.º 1 em 25 de janeiro de 1848. Passou ao regimento de cavallaria n.º 2 lanceiros da Rainha, em 10 d'outubro de 1849. Graduado em cirurgião do exercito em 10 de junho de 1851. Passou para o regimento de cavallaria n.º 1 em 12 de novembro do dito anno, foi-lhe mandado contar a antiguidade do ultimo posto desde 28 de abril de 1851. Por ordem do commandante em chefe do exercito de 27 de janeiro de 1857, foi mandado tomar interinamente a direcção do hospital militar permanente do Porto. Foi mandado recolher ao corpo, por ordem do commandante em chefe do exercito de 13 de abril de 1858. Foi mandado fazer as inspecções semestres dos hospitaes dos corpos da 1.ª divisão militar, aquartelados fóra da capital, no impedimento do respectivo cirurgião de divisão, em 24 de janeiro de 1859. Recolheu em 1 de março do mesmo anno. Passou no posto de cirurgião de brigada da 5.ª divisão militar para a 4.ª, em 16 de maio de 1862, em 18 de setembro de 1866, foi mandado marchar para o campo de instrucção e manobras, afim de organisar o hospital de que foi director, segundo a disposição 5.ª da ordem n.º 33 do mesmo anno. Por determinação de Sua Magestade El-Rei foi mandado continuar n'aquella commissão, em 11 de dezembro do dito anno. Sendo cirurgião de brigada da 4.ª divisão militar, passou á 6.ª divisão militar, continuando na mesma commissão, em 21 de setembro de 1867. Em 1 de dezembro de 1868 foi mandado fazer serviço na 1.ª divisão militar, em correspondencia com a sua anterior collocação na 6.ª, que foi extincta em 12 de novembro do mesmo anno. Foi collocado na 1.ª divisão militar, em harmonia com o disposto na ordem do exercito n.º 70, de 1868, em 14 de dezembro do referido anno. Promovido a cirurgião de divisão para a 3.ª divisão militar, em 14 de abril de 1875. Passou á 1.ª divisão militar em 28 d'agosto do mesmo anno. Promovido a cirurgião em chefe do exercito, e nomeado chefe da 6.ª repartição da secretaria d'estado dos negocios da guerra, em 27 de abril de 1881. Fez as campanhas de 1846 e 1847. Assistiu ao combate de Vianna do Alemtejo, em 28 de outubro de 1846, e á do alto do Vizo, em 1 de maio de 1847. Nomeado cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, pelos serviços prestados no combate de Vianna do Alemtejo, decreto de 10 de fevereiro de 1847. Cavalleiro da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, pelos serviços prestados na acção do alto de Vizo, decreto de 9 de maio de 1847. Cavalleiro da ordem militar de S. Bento d'Aviz, por decreto de 13 de março de 1861. Commendador das ordens de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e de S. Bento de Aviz. Por decreto de 1 de junho de 1882 foi-lhe conferida a mercê do titulo do conselho de Sua Magestade, em testemunho de consideração pelos serviços prestados no exercicio do seu cargo.»

Ha de tudo n'estas notas, e desde o serviço clinico nos hospitaes, em tempo normal ou em tempo d'epidemia, desde as funcções de director ou de inspector até ás de chefe, tudo, absolutamente tudo passou entre as mãos d'este laborioso funccionario, o qual de todas essas commissões de serviço se desempenhou com proveito para a instituição em que serviu, e com excellente conceito para o seu bom nome.

O feito de Vianna do Alemtejo é quasi lendario, e merece ser citado n'este logar.

Estava o cirurgião mór do regimento de cavallaria n.º 5, João Henrique Morley, esperando tranquillamente, á porta do *hospital de sangue*, que

lhe fôra determinado, os feridos da acção empenhada logo nas primeiras horas da manhã do dia 28 de outubro de 1846, nas extensas planicies de Vianna do Alemtejo, quando viu a debandar, *a fugir* do inimigo, o seu proprio regimento, o que constituia mais em especial a sua familia militar, aquelle emfim de cujo nome, valoroso e honrado mais ciume e mais orgulho poderia ter um homem da valentia e do brio do dr. Morley!

O que então se passou é unico... O cirurgião mór, Morley, doudo de vergonha e allucinado pela sua indomita coragem, põe-se á frente do regimento de cavallaria n.º 5, embarga-lhe o passo, falla-lhe em nome da honra e do dever militar, e fal-o voltar com elle, comsigo, com o proprio cirurgião mór á frente, d'espada desembainhada, de cara e de peito para o inimigo já em sua perseguição.

É então que o regimento d'infanteria n.º 11, que tambem debandára, encontra aquelle punhado de bravos cavalleiros, que se reanima á sua vista, que os segue, que os coadjuva, que se vae bater com elles apoiando-os valorosamente, e que todas reconquistam o terreno perdido e reganham a já perdida acção.

E tudo isto foi a obra quasi de um homem só, quasi unicamente do feito arrojado e decidido do cirurgião mór do regimento de cavallaria n.º 5, João Henrique Morley!

Agora, acabou-se tudo, e do homem, dos seus muito serviços e do seu brio, só resta a memoria honrada, a saudade e a estima dos que o conheceram e dos que lhe prezaram a alma generosissima.

G. Ennes.

AS NOSSAS GRAVURAS

A MISSA CAMPAL

De ha muito que Lisboa não assistia a uma ceremonia tão imponente, qual foi a missa campal mandada celebrar pelo sr. general José Paulino de Sá Carneiro, commandante da 1.ª divisão militar, em acção de graças pelas melhoras de Sua Magestade El-Rei D. Luiz.

Foi no hyppodromo de Belem que se realisou aquella solemnidade, no dia 21 de Março. O campo foi convenientemente preparado para esse fim, e levantado um altar e uma tribuna para a familia real.

O hypodromo apresentava um aspecto deslumbrante, pela enorme multidão que alli accudiu, e pela tropa, formada em pelotões, que occupava uma grande extensão em frente do altar.

O sol, que lá de cima illuminava aquelle quadro animado, fazia realçar as côres dos uniformes e reftetia-se nos metaes dos capacetes e no aço das bayonetas, estabelecendo focos moventes de luz por sobre as cabeças da multidão.

Era imponente o que se via, trazendo-nos á memoria os tempos em que os valentes soldados de D. João 1 se curvavam ante o altar de Deus, antes de entrarem nos victoriosos combates que firmaram a autonomia portugueza.

Ás 11 horas chegou Sua Magestade a Rainha e Suas altezas os Duques de Bragança, acompanhados pela brigada de cavallaria, commandada pelo sr. coronel Queiroz.

Na tribuna real aguardavam a chegada da familia real o sr. Cardeal Patriarcha, todo o ministerio, generaes da casa militar de El-Rei e mais dignatarios da côrte.

O sr. general commandante e Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso tinham ido esperar a familia real á entrada do hyppodromo, acompanhando-a até á tribuna real.

Junto da tribuna real e dando a esquerda a esta, formavam os porta-bandeiras dos differentes regimentos com os seus estandartes. Do lado opposto e proximo do altar estavam as bandas regimentaes, que deviam tocar durante a missa.

Um tiro de peça annunciou o começo da missa, e então todos se descobriram e attentaram no acto com o mais religioso silencio.

As musicas tocavam a symphonia do *Attila*, emquanto o sacerdote, que era o capelão de caçadores 5, o mais antigo do exercito, celebrava o santo sacrificio.

Ao *levantar a Deus*, o contingente de artilharia, que formava ao sul do campo com as boccas de fogo para o Tejo, salvou com vinte e um tiros, ao mesmo tempo os cornetins e cornetas executavam um toque guerreiro.

A imponencia d'este acto tocava o coração, pela sua grandeza e respeitabilidade, e fazia comprehender bem, como nos tempos em que a verdadeira fé e crença animavam os espiritos, estes actos religiosos tinham uma tão grande influencia nos homens, e lhes davam valor para as mais temerarias emprezas.

Decididamente nem só de pão vive o homem, ainda que peze aos materialistas.

Terminada a missa retirou-se a familia real em suas carroagens, desfilando pelo flanco esquerdo das forças, as quaes fizeram a continencia militar. O sr. general commandante e Sua Alteza o sr. Infante D. Affonso com o seu estado maior acompanharam a familia real até á sahida do hyppodromo.

Em seguida os contingentes retiraram a quarteis, terminando assim aquella solemnidade que foi ao mesmo tempo um espectaculo novo para Lisboa.

Os que não poderam assistir áquelle acto, resta-lhes contemplarem a gravura que publicamos a pag. 100, reproducção de um desenho do nosso collaborador artistico sr. J. R. Christino, que expressamente o foi alli fazer para ser publicado nas paginas do OCCIDENTE.

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

ATELIER DE ESCULPTURA — QUADRO DE A. RAMALHO

O *Atelier de Esculptura* era o melhor quadro que figurava nas salas do *Commercio de Portugal*, na ultima exposição de quadros do *Grupo do Leão*.

A perfeita execução d'este quadro, correcto e rigoroso em todas as suas partes, revelava um pintor correcto no desenho e na prespectiva e seguro na côr, formando um conjuncto de qualidades de primeira ordem.

O colorista brilhante do *Lanterneiro*, das paizagens quentes da peninsula, exhuberantes de côr e de vida, usou n'este quadro de toda a sobriedade da sua paleta, e apresenta o *Atelier de Esculptura* com o tom justo de um interior, cujas paredes são revestidas de uma tinta parda, onde os reflexos da luz abafam, deixando destacar os estudos e os modelos livremente.

Depois, a figura do esculptor, que é Alberto Nunes, desenha-se rigorosamente sobre a téla, sem que os accessorios do quadro a perturbem, e a estatua que se ergue sobre a roda, sustenta o rigor das suas linhas e o tom do barro em que é modelada.

Um bello quadro que honra tanto o artista como a pintura portugueza, que vae contando d'estes talentos.

O NOVO PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

A nossa capital acaba de ter mais um importante melhoramento, devido á iniciativa de dois medicos distinctos, os srs. drs. Moniz Tavares e Guilherme Ennes.

Estes dois talentosos medicos estabeleceram, nos principios d'este anno, em Lisboa, um magnifico parque vaccinogenico, situado na rua de S. Bernardo, nas mais completas condições de salubridade e segundo os mais rigorosos preceitos que a sciencia indica e a experiencia tem demonstrado.

Lisboa ainda não possuia um estabelecimento assim, e entre tanto a vaccina é hoje uma necessidade reconhecida, os beneficios que ella presta incontestaveis.

A vaccina, descoberta por Eduardo Jenner, medico inglez, em 1776, só foi divulgada por este vinte annos depois de a ter descoberto, tendo empregado esses vinte annos em estudar a sua efficacia, e só a tornando publica quando adquirida a certeza da sua utilidade e beneficio humanitario.

Foi uma verdadeira maravilha a descoberta de Jenner, mas nem por isso faltou quem a combatesse, como ainda hoje ha quem a desdenhe.

É verdade que essa opposição não é propriamente á vaccina, mas á sua origem e ás suas consequencias; essa opposição funda-se principalmente na vaccina humana, como transmissora de enfermidades hereditarias, pela inoculação da lympha, o que effectivamente póde dar e terá mesmo dado resultados funestos.

Para evitar este inconveniente, porém, ha um recurso seguro, é a vaccina da inoculação directa do *cow pox* expontanea nas vitellas. A vaccina obtida d'esta fórma, cultiva-se successivamente em outras vitellas e d'este modo tem-se sempre vaccina insuspeita e fresca completamente isenta de lympha humana.

Está n'isto a grande vantagem do novo *Parque Vaccinogenico*, e para conseguir esta vantagem foi preciso reunir os elementos necessarios, incluindo uma viagem especial de estudo, que um dos proprietarios do *Parque Vaccinogenico* sr. dr. Moniz Tavares realisou no estrangeiro.

N'esta viagem o sr. dr. Moniz Tavares visitou os principaes estabelecimentos vaccinogenicos de França, da Hollanda, da Suissa e da Inglaterra, e em todos elles colheu valiosas indicações para a organisação de um estabelecimento similhante em Lisboa.

Adquiriu todo o material necessario, que não podia obter no paiz, estudou a organisação dos estabelecimentos que visitou, e para completar a sua obra deixou em todos elles ajustada a immediata remessa de duas vitellas vaccinadas nas condições que já descrevemos, logo que um caso d'aquelles se manifestasse.

Foi o veterinario Boineaud, do instituto de Bordeus, quem primeiro enviou duas vitellas vaccinadas nas condições requeridas, e essas vitellas chegaram a Lisboa no melhor estado para se fazer a transmissão a outras.

Tinha-se, portanto, realisado o fim proposto, e o *Parque Vaccinogenico* podia funccionar regularmente, offerecendo a garantia desejada de vaccina fresca animal.

Todas as semanas são recebidas no *Parque Vaccinogenico* duas vitellas provenientes da Beira, e depois de seis dias de observação sob a vigilancia do distincto veterinario sr. Lino de Carvalho, e quando se tem adquirido a certeza do seu perfeito estado de saude, são inoculadas com a lympha das outras vitellas. Assim conservam-se sempre no *Parque Vaccinogenico* seis vitellas, sendo duas vaccinadas, duas vacciniferas e duas em previa observação para receberem a vaccina.

Este rigor scientifico, este escrupulo, honra tanto os proprietarios d'este instituto, quer como homens de sciencia, quer como benemeritos da humanidade.

É facil perceber que a instalação de um estabelecimento n'estas condições deve ter custado uma boa somma, e que o seu costeio não deve exigir pouco dispendio, por isso tanto mais gloria cabe aos seus iniciadores pela coragem que os animou na realisação da sua empreza.

Muito teriamos ainda a dizer se entrassemos n'um exame minucioso dos instrumentos operadores e mais material auxiliar que se encontra no *Parque Vaccinogenico*, mas essa descripção technologica pouco ou nada interessa o publico, que de resto só lhe importa saber se os serviços alli prestados são bons.

N'isto com certeza não tem o publico melhor a que possa recorrer, porque alli se acham reunidos todos os elementos conhecidos para o bom resultado das operações, tendo os dignos medicos operadores conseguido que até ao presente não tenham falhado as inoculações, o que é a melhor prova da pureza da sua origem e da efficacia do seu resultado futuro.

A vaccina humana resultante das inoculações nunca é aproveitada, o que não deixa de ser uma commodidade para o vaccinado, e uma garantia para os que precisam vaccinar-se.

Os receiosos da vaccina humana já não tem desculpa se descurarem esta prophylaxia tão util e tão humanitaria, como é o evitar o terrivel mal da variola e a sua propagação mortifera.

Se a variola é um grande mal, que infelizmente as estatisticas accusam como o causador de maior mortalidade, e que tantos estragos deixa na sua passagem, quando mesmo poupa a vida, é tambem certo que a vaccina é a melhor barreira a oppor á invasão d'esse mal; é portanto, de lesa humanidade desprezar este beneficio que um feliz acaso deparou, e que a sciencia tem estudado e applicado com o maior amor e os mais beneficos resultados.

A nossa gravura mostra o bello *Parque Vaccinogenico* junto á habitação do sr. dr. Moniz Tavares, um dos seus proprietarios.

A MISSA CAMPAL MANDADA CELEBRAR PELO SR. GENERAL COMMANDANTE DA 1.ª DIVISÃO EM ACÇÃO DE GRAÇAS PELAS MELHORAS DE EL-REI D. LUIZ

(Desenho feito na occasião por J. R. Christino)

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

O ATELIER DE ESCULPTURA — QUADRO DE ANTONIO RAMALHO

(Segundo uma photographia de Fillon)

O INFANTE D. HENRIQUE

VII

(CONCLUSÃO)

Já antes, no anno de 1445, Luiz de Cadamosto prestára alguns serviços ao infante.

É n'este anno que o infante D. Henrique recebe a visita, em Sagres, do celebre veneziano.

Partio Cadamosto, em serviço de Portugal, para a ilha da Madeira n'um navio do infante, a 22 de março de 1445.

Seguiu d'ali para o Porto Santo e depois para o sul; avistando as ilhas Canarias tocou em Palma, Gomeira e Ferro; velejou para a terra aproando a cabo Branco. D'aqui, correndo costa, para o Senegal, navegou mais 600 milhas para o Sul até Palma de Budomel. Ali juntaram-se-lhe duas caravelas, sendo uma do genovez Antonio Nolli e a outra de escudeiros do nosso grande D. Henrique, ambas com o intuito de passarem a Cabo Verde, e assim fazerem algum novo descobrimento.

Reunidas as trez caravelas, seguiram para o sul 180 milhas italianas, dobrando finalmente o cabo Verde. Andando para sul marcaram o rio Barbecim. Depois passaram á foz do Gambia e entraram-n'o. No rio Gambia foram as tres caravelas valentemente atacadas por innumeros negros, sendo a victoria dos homens do infante.

Regressando Cadamosto e Nolli a Portugal, voltaram em 1446 ao rio Gambia, conseguindo relações com os naturaes. D'esta vez, seguindo para o sul, *sempre o mais que possivel fosse*, por ordem do infante, se descobrio o cabo Roxo e os rios de Bissau e Cacheu.

E aqui terminaram os serviços de Cadamosto ao infante D. Henrique. Dizemos isto porque estas viagens são apontadas, nas bibliothecas estrangeiras, como feitas por Cadamosto mas em proveito de outras nações, ou por mando de outros soberanos.

Em 1447 trazem a Portugal, os marinheiros do infante, o primeiro leão vivo.

Eis como se deu o singular apresamento.

Querendo o infante organisar um commercio seguro com o gentio de Rio do Ouro, e tendo até ali sido baldada toda a tentativa para esse fim, mandou a essa commissão (segundo Barros nas *Decadas*, e Faria na sua *Azia*) Diogo Gil, homem experimentado, por commandante de uma caravela, indo acompanhado de João Fernandes, celebre pela sua voluntaria estada entre os Azenégues. Chegado ao porto do destino e pouco tempo depois de lá estar fundeado, sobreveio tamanha travessia que teve de se fazer ao mar immediatamente, deixando em terra João Fernandes. Trouxe porém Diogo Gil ao infante, quando aportou a Portugal, o primeiro leão que d'ali veio, *o qual*, o infante, no dizer dos chronistas, *enviou de presente a um fidalgo inglez seu amigo, que assistia no principado de Walles*. (1)

O mais engraçado porém do caso é que o leão fôra recebido por Diogo Gil em troca de uns prisioneiros, que elle fizera n'um desembarque.

Parece que, em balanço final de todos estes aprezamentos, vieram ás mãos do infante mais de novecentos individuos de cincoenta terras differentes.

Em 1450, a 2 de março, deu o infante D. Henrique um provimento a Jacome de Bruges, á quem assignala como seu serviçal; não dizendo uma palavra de onde possa deprehender-se ter sido este o descobridor da ilha Terceira, ou de Jesu Christo, nos Açores.

* * *

É chegado pois o momento de affirmar que o infante navegador, D. Henrique de Portugal, era no seu tempo não só o primeiro no seu paiz, mas a individualidade mais forte, e de maior poder ordeiro e governativo de toda a Europa do seculo XV.

Assim o reconheceu o Papa, os reis de Castella, o da Inglaterra e o imperador da Allemanha, chamando-o para commandar os seus exercitos, ou pedindo conselho ao seu espirito eminente de grande homem de estado.

A sua divisa *talent de bien faire*, vontade de fazer o bem, constituio sempre a linha do seu proceder.

Era mais do que respeitado, era amado dos reis e dos povos. Ensinava com o seu exemplo os primeiros, instruia os segundos.

(1) Era um inglez que vivia em Gallway, e que estivera ao serviço do infante.

A paciente teimosia com que D. Henrique transformava, labregos marinhos, em homens lettras e militares de sciencia, dá bem a medida da ordem que no seu espirito havia para conseguir tudo systematicamente.

A sua *Tercena Nabal*, ou Arsenal Naval de Sagres, chegou a ser o deposito maritimo mais completo de toda a Europa.

Com o seu grande saber e privilegiado tacto administrativo teria descoberto a India se não lhe fallecem os annos.

Preparou Portugal para o grande reinado, o governo forte de combate de D. João II, o *principe perfeito*, o seu fiel continuador.

D. Manoel I apenas colheu. Essas duas enormes glorias de Portugal, o infante D. Henrique e el-rei D. João II, um navegador outro governante, ainda não estão perpetuadas em monumento immorredouro, na patria que tanto lhe deveu e deve.

Ao terminar este estudo, modesto, do homem extraordinario do seculo XV, que ao morrer, em 13 de novembro de 1460, deixou um rasto de luz que foi repetir-se durante todo o seculo XVI nas mil pedrarias preciosas da India, não podemos furtar-nos ao mal estar que nos assoberba o espirito ao vêr a mesquinha e criminosa ignorancia de hoje sobre o valor de tão grande principe!

Ainda não existe em Portugal um monumento ao grande sustentaculo da nossa nacionalidade, e estão já perpetuados no bronze o duque da Terceira, José Estevam, Sá da Bandeira, e em breve Fontes de Mello!!

Mas a fazer-se alguma cousa, que seja obra grandiosa, digna do grande infante Navegador.

Lembramos que o monumento deveria ser todo de bronze, e o logar no areal da Trafaria, na parte mais a oeste. De este modo o monumento era visto dos principaes pontos de Lisboa, accrescendo a vantagem de ser visto do mar por qualquer navio, mesmo que não demandasse a nossa barra e seguisse para o Sul. O infante estaria voltado para o Sul, de pé, com a mão esquerda sobre um cabrestante rodeado de diarios nauticos e instrumentos, e o braço direito estendendo a mão na direcção do sul, apontando o futuro de Portugal e respondendo ao seu pensamento intimo:

—India! India!...

No pedestal representar-se-hiam os typos dos seus homens do mar, um *capitão de frota, patrão, alcaides, arraes, pintitaes, comitres, besteiros, galeotes, mareantes, etc.*

Lembrariamos que o monumento deveria estar prompto n'estes seis annos mais proximos para ser inaugurado a 4 de março de 1894, dia em que faz justamente quinhentos annos que nasceu o infante D. Henrique.

A festa da inauguração deve ser exclusivamente maritima. Deviam formar ao mar da barra todos os navios disponiveis da nossa esquadra.

Deveriam assistir representantes das nossas colonias, principalmente da Madeira, Cabo Verde, e de toda a costa occidental de Africa.

Emfim, a ideia ahi fica. Sinto que cumpri um dever.

Resta-me agradecer a todos que me teem animado n'este modesto trabalho, não podendo deixar de especialisar a *Gazeta de Portugal* e *As Novidades* pela maneira benevolente com que sempre se referiram aos meus artigos do OCCIDENTE.

Repito — sinto que cumpri um dever.

A illustrada Sociedade de Geographia que tome a iniciativa do movimento, e que o governo lhe auxilie os intentos são os meus ardentes votos.

Manoel Barradas.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

V

AS SECRETARIAS D'ESTADO

A Secretaria d'Estado é instituição antiquissima. D. Sebastião, que a instituiu, bem como ao conselho de estado, fez seu secretario a Pero d'Alcaçovas, homem de grande merecimento, que depois veiu a ser um dos governadores do reino.

No tempo de Filippe III, pela restauração do reino, era secretario d'estado Miguel de Vasconcellos, cujo fim desastroso tão narrado tem sido na historia.

Quando D. João IV subiu ao throno, a primeira cousa que tratou desde logo, que firmou na cabeça a corôa real tão milagrosamente ganha foi de organisar todos os serviços publicos. Um dos seus melhores actos governativos foi o da organisação da *Secretaria d'Estado das Mercês e Expediente*, delimitando-lhe as attribuições.

Foi creada esta secretaria por alvará de 29 de novembro de 1643.

Era por ella que se faziam as nomeações dos vice-reis, dos governadores do reino e das provincias e praças de guerra, generaes, presidentes dos tribunaes superiores, conselheiros, desembargadores, vereadores do senado, bispos, officiaes da casa real, reitores, officiaes do Sancto Officio, etc.

Da mesma sorte pela mesma secretaria d'estado, se lavravam as consultas de provimentos de postos militares, desde a patente de capitão até á de tenente-coronel de infanteria ou cavallaria, as consultas dos logares de letras e as dispensas de leis; bem como por ella se mandavam passar as devassas, crear as alçadas e inquirir dos pagamentos das cizas, dos aggravos, das sentenças, etc. etc.

Além d'esta secretaria creou D. João IV a *Secretaria da Assignatura*, para vigilancia do cumprimento dos alvarás, provisões, cartas e padrões que ali se lavravam. O primeiro secretario da Assignatura foi Antonio Cabide, sendo depois, pela sua morte, provido n'esse cargo João de Roxas de Azevedo, desembargador do paço e em seguida por Bartholomeu de Sousa Mexia, conselheiro de fazenda, que em 1707 accumulou esse cargo com o de secretario das *Mercês e Expediente*.

Fallecido o desembargador Bartholomeu, se conglobaram em uma só as tres secretarias d'estado *Mercês, Expediente e Assignatura*, sendo nomeado secretario Diogo de Mendonça Côrte Real, elevado cargo no qual veiu a distinguir-se tão notavelmente no reinado de D. Affonso VI o grande chanceller, conde de Castello Melhor e depois D. Antonio Sousa de Macedo, tão injustamente guerreados e expulsos pela camarilha do infante D. Pedro.

Reinando D. João V, e considerando-se que das providencias tomadas em 1786 não resultava utilidade alguma, antes pelo contrario ellas encontravam difficuldades e embaraços na sua execução, e attendendo-se a que a gestão dos negocios publicos havia em muito augmentado, foi estatuído, por lei de 28 de julho, que os differentes ramos de serviço administrativo fossem divididos pelas tres seguintes secretarias d'estado: *Negocios do Reino e Mercês; Negocios da Marinha e dominios ultramarinos; Negocios Estrangeiros e da Guerra.*

Nos negocios do reino ficariam encravados todos os objectos de justiça, fazenda e obras publicas. Para ministro do reino foi nomeado Pedro de Mello e Sousa, para as duas outras Antonio Guedes Pereira (marinha) e Manuel Antonio de Azevedo Coutinho (guerra e estrangeiros).

Finalmente, em 15 de dezembro de 1788 foi creada a *Secretaria d'Estado da Fazenda*, devendo ficar unida á presidencia do Real Erario. A rainha nomeou para esse cargo o visconde de Villa Nova da Cerveira, então ministro do reino. Para o reino entrou José de Seabra da Silva, accummulando esse honroso cargo com o de presidente da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, e para os negocios estrangeiros e da guerra foi nomeado Luiz Pinto de Souza e Balsemão.

Em 1801 o principe regente, por carta regia de 6 de janeiro, desannexou os negocios da guerra dos estrangeiros, nomeando ministro da guerra o duque de Lafões; mas seis mezes depois, por aviso regio de 23 de julho, os negocios das duas repartições tornaram a ser reunidos n'uma só pasta.

(Continúa)

Silva Pereira.

A HISTORIA DA LUZITANIA E DA IBERIA

II

Já se vae fazendo justiça ao patriotico empenho, talento e acrisolado amor pela sciencia, de João Bonança.

Depois das instancias officiaes, Academia Real das Sciencias e Instrucção publica superior, veio á estacada um homem trabalhador, muito prestante ás cousas patrias, dr. Manuel Ferreira Ribeiro, que abriu uma serie de conferencias na Sociedade de geographia de Lisboa. Sendo uma das mais

notaveis a de 16 do corrente sobre a expansão da familia portugueza nos tempos prehistoricos.

O sr. dr. Ferreira Ribeiro foi medico da audaciosa expedicção de obras publicas á provincia de Angola em 1877. É desde então que tenho relações com este cavalheiro. Homem de uma firme illustração, soube ser sympatico a todos os expedicciorarios, pelos seus conselhos e disvellos todos tendentes a affastar da temeraria expedicção os perigos do clima, ou da propria imprevidencia.

Revelou-se o dr. Ferreira Ribeiro, n'aquella conferencia, um orador distincto, quando por vezes rebateu, com brilhante vigor, sophismas tendentes a demorar a conclusão de um trabalho recente, a obra do sr. Bonança, trabalho já de não pequena gloria para o nosso paiz.

No começo da conferencia, o dr- Ferreira Ribeiro demonstrou quanto os methodos de ensino eram no estrangeiro superiores aos nossos. E, ao correr as livrarias, estabelecimentos scientificos, a Repartição de Estatistica Geral e outras instancias superiormente officiaes, veio-lhe ás mãos a *Historia da Luzitania e da Iberia*. E n'este trabalho vio um methodo, sincero e racional, que, fazendo honra ao seu auctor, preenchia uma lucuna no mundo scientifico.

Declarou não ir ali discutir as arrojadas conclusões do summario em alguns capitulos da referida obra.

Achou admiravel o methodo do auctor da *Historia da Luzitania*, estudou-o com afinco, sendo n'este proposito generosamente guiado por algumas conferencias com aquelle homem de sciencia.

Prestou homenagem a Alexandre Herculano e Rebello da Silva; e lendo trechos d'estas sumidades da historia, provou assim quanto era vago o que dizia sobre a raça portugueza, do seculo XII para traz. Soccorreu-se do monumental trabalho de João Bonança, encontrando ali determinado o apparecimento do homem sobre a terra. Fallou da era glaciaria na Europa e descreveu com proficiencia as regiões em que os homens d'esta parte do mundo foram, pela invasão dos gelos, obrigados a separarem-se deante de barreiras insuperaveis. Durando muitos seculos este estado de cousas, cada um d'aquelles grupos constituio raças perfeitamente distinctas em costumes, linguagem e historia; ao começar o degêlo cada raça foi occupando o terreno que mais propriamente se lhe facultava. Assim a raça hellenica toma os Balkans; os germanos surgem na peninsula scandinava; os slavos (antigamente *sclavos ou escravos*) apoderaram-se da Russia, e a raça hispanica sóbe até ao Rheno! É facto que cada uma d'estas raças tem linguagem caracter anatomico, industria e aptidões proprias; que estas deducções, sustentou o illustrado conferente, se firmavam em trabalhos já discutidos e acceitos pela verdadeira sciencia. O auctor fez a historia ordenando os descobrimentos.

O dr. Ferreira Ribeiro confirmou o que nós aqui dissemos no Occidente:—que João Bonança fizera dar um grande passo á sciencia moderna, explicando um phenomeno até hoje muito controvertido: *a côr do homem vem dos elementos terraqueos que primitivamente entraram na formação de cada grupo humano.*

Leu um trecho de outro incansavel trabalhador, bem reputado homem de sciencia, o sr. Estacio da Veiga, membro da Academia real das sciencias de Lisboa, e n'elle se provava ter este academico baseado já trabalhos seus, nas *criminosas* affirmações de João Bonança.

Um lado importante d'esta conferencia, e que apenas foi notado pelo *Commercio de Portugal:*

—O dr. Ferreira Ribeiro lembrou, e por mais de uma vez, que esta questão das raças humanas tinha uma importancia capital para o regimen e felicidade dos povos.

O orador referiu-se então ao discurso de Castellar, em Paris, onde o verboso hespanhol, com bem pouca gratidão para comnosco, deixou de citar Portugal, fallando da raça latina e dos serviços por esta prestados á humanidade. Teve o dr. Ferreira Ribeiro, aqui, um verdadeiro lampejo de genio; exaltando a patria, os serviços por Portugal prestados á sciencia, das quaes muito aproveitaram e se apropriaram a Hespanha, a França e a Italia, desde os seculos XV e XVI; e ao lembrar o modo completo, verdadeiramente novo, como este quadro se achava expresso na *Historia da Luzitania e da Iberia*, alcançou uma estrondosa ovação!

Eis pouco mais ou menos o que foi o discurso do sr. dr. Manuel Ferreira Ribeiro.

Diz a imprensa da capital que foi esta a mais brilhante das conferencias do illustre medico da marinha real.

E nós como antigo companheiro do illustre conferente, relembrando com saudade a nossa camaradagem, na campanha scientifica e pratica da Africa Occidental, enviamos-lhe um effusivo aperto de mão.

Manuel Barradas.

RESENHA NOTICIOSA

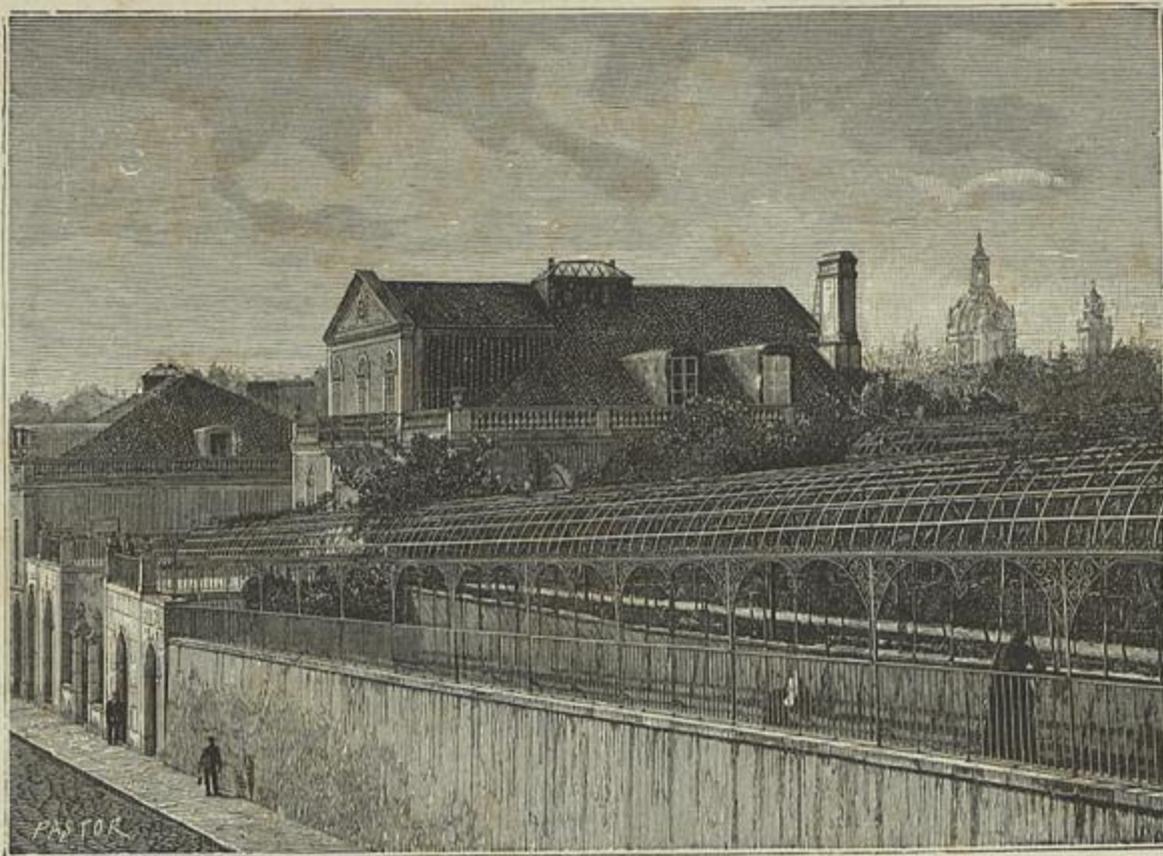
Conselheiro Figanière. Falleceu em Lisboa, no dia 14 de abril, o conselheiro Jorge Cezar de Figanière, antigo diplomata, que foi director geral dos negocios estrangeiros, cargo de que se achava aposentado desde 1882. Figanière era um dos poucos que ainda restavam dos defensores da liberdade e que por ella combateram nos campos de batalha. Funccionario intelligente e dedicado, prestou importantes serviços na diplomacia. Entre os seus trabalhos de investigação e estudo encontramos um de incontestavel merecimento, e é a *Bibliographia Historica*. Altamente considerado pelos seus serviços, Figanière era condecorado com a grã-cruz de Izabel a Catholica, commendas de Christo, da Legião de Honra, de S. Mauricio, de S. Lazaro, da Rosa, de Gustavo de Wasa e de Carlos III. Era socio correspondente do Instituto Historico do Brazil, da Sociedade de Geographia de Londres, da Academia Real das Sciencias de Lisboa e fôra um dos fundadores da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Guilherme d'Azevedo. Em Santarem, terra natal de Guilherme d'Azevedo, principiou a publicar-se um semanario com o titulo *O Guilherme d'Azevedo*. Esta publicação é uma verdadeira homenagem prestada ao autor da *Alma Nova*, ao poeta distincto entre os poetas, ao estylista original, inimitavel na sua critica fina e ao mesmo tempo caustica, de uma feição inteiramente nova na litteratura portugueza. Folgamos de vêr assim honrada a memoria do que foi o primeiro director litterario do Occidente e um dos talentos mais brilhantes, que se tem manifestado em Portugal.

Henri Withoyne. Todos conheciam em Lisboa o velho *clown* inglez que fez a alegria da nossa infancia, no demolido *Circo Price*. Todos os lisboetas se lembrarão d'elle com saudade, d'elle que deixou de pertencer ao numero dos vivos, e foi esconder no tumulo a sua velhice e os seus infortunios. Henri Withoyne era um *clown* verdadeiramente distincto tanto pela sua arte como pela sua vasta illustração. Tendo vindo a Lisboa, em 1862, com Thomaz Price, para trabalhar no circo que este havia construido á entrada da antiga rua do Salitre, foi coberto de applausos pelo publico lisbonense que corria a vel-o. Withoyne nunca mais deixou de acompanhar Price nas successivas epocas de inverno em Lisboa, e por fim o Price foi-se e Withoyne ficou. Lisboa tinha-o conquistado, e o velho *clown* resolveu dedicar-lhe o resto da sua vida. Fez mais, dedicou-lhe as suas economias de muitos annos, e quiz vel-a sempre alegre e divertida, para o que emprehendeu a construcção dos *Recreios Withoyne*, onde elle lhe porporcionaria espectaculos diarios, variados, em differentes generos, além do recreio permanente de jogos, exposições de curiosidades, uma infinidade de distracções economicas e faceis que elle planeava e que Lisboa lhe agradecia. Infelizmente, Withoyne não poude realisar por completo o seu plano, assaltaram-n'o as difficuldades financeiras; a construcção do seu paraiso terrestre, na quinta dos marquezes de Castello Melhor, esgotou-lhe todos os seus haveres e o dinheiro das acções que elle emittira para a sua empreza, de que elle era o principal accionista. Withoyne viu pouco a pouco fugir-lhe das mãos os seus *Recreios*, e por fim nem dinheiro nem *Recreios*. Withoyne fez-se então estanqueiro; estabeleceu-se em uma loja da rua do Ouro e lá o vimos muitas vezes ao balcão esperando pelos freguezes, que não abundavam. A sua nova tentativa não era mais feliz que a outra, e parece que para ter quem com elle partilhasse da sua desdita, procurou uma companheira para o seu *menage* e casou-se! Pouco tempo depois o estanco estava transformado em uma loja de ourives e Withoyne não era o dono d'essa loja. Lisboa passou a vêr o velho *clown* apenas de anno a anno, quando elle fazia beneficio no Colyseu e apresentava em publico as suas ultimas visagens comicas, em que a tristeza transparecia atravez das gargalhadas do pobre velho com que queria ainda recordar as suas glorias passadas, os applausos que tinham feito d'elle o *clown* predilecto do publico. Ultimamente nem isso; os *Recreios Withoyne* desappareceram e com elles o Colyseu, demolidos para as obras do grande tunnel do Rocio. O monumento que Withoyne levantára á sua memoria, cahia derrubado pela picareta do progresso, com elle cahiu tambem o seu author. Triste coincidencia.

O Luxo das «Toilettes» N'um jornal italiano encontramos a conversação que um redactor d'esse jornal, teve com o celebre alfaiate Worth, que é extremamente curiosa com relação ao gosto e luxo do *toilette* das damas. Worth disse que as damas que se vestiam com mais gosto eram as que lhe deixavam a escolha e o feitio dos seus vestidos. Entre essas damas conta a imperatriz da Russia que apenas lhe envia um telegramma indicando o fim para que precisa qualquer vestido. As *toilettes* encommendadas a Worth são feitas com uma rapidez extraordinaria, chegando a executar algumas em vinte e quatro horas. Worth tem fornecido *toilettes* de um preço fabuloso. Ha annos fez para uma dama peruana um vestido que custou 21:600$000 rs. e cujos adornos custaram 21:240$000 rs. Ha pouco vendeu uma capa por 8:100$000 rs. a qual era forrada de peles no valor de 7:900$000 rs. E lembrar-se a gente que ha tantos desgraçados que não tem uma camisa para vestir!

Novo ministerio francez. O ministerio francez que ha pouco mais de tres mezes subira ao poder com o presidente da republica, Carnot, cahiu abalado pelas manifestações do norte da França em favor do general Boulanger, que o governo exonorara do exercito francez, mas que os eleitores do norte acabam de eleger por Lile, vencendo por 172,528 votos os seus adversarios. O novo ministerio encontra-se, como o seu antecessor, na lucta com Boulanger, e a republica está em vespera de grandes acontecimentos, que não são para desejar. Os membros do novo gabinete francez são: Carlos Floquet, presidente e ministro do interior, é um advogado dos mais distinctos da França, nasceu em 1828 e de ha muito que melita na politica do seu paiz, tendo assento na esquerda da camara desde 1870, o seu nome tem sido por mais de uma vez indicado para ministro da republica; Freycinet, ministro da guerra, engenheiro e um profundo scientifico, que tem produzido obras importantes, tomou parte muito activa nos acontecimentos da guerra franco-prussiana, foi eleito senador em 1876 e tem tomado parte em differentes ministerios e nas ultimas eleições para a presidencia da republica foi um dos mais votados, é membro da Academia e tem 59 annos de idade; Goblet, ministro dos estrangeiros, tem sido ministro varias vezes e já foi presidente do concelho, advogado e jornalista, foi um dos maiores adversarios do imperio, é membro da Assembléa Nacional, tem a mesma idade que Freycinet; Krantz, ministro da marinha franceza, já tomou parte no ministerio presidido por Tirard, não fazia parte do actual parlamento francez; Peytral, ministro das finanças, foi eleito pela primeira vez, em 1881, deputado pela primeira circunscripção de Marselha, e foi secretario de estado de Goblet, nasceu em 1858, e antes de entrar na politica era pharmaceutico; Lockroy, ministro da instrucção publica e Bellas-Artes, jornalista desde o tempo do imperio, fez parte do ministerio presidido por Goblet, encarregado do ministerio do commercio e da industria, trabalhou activamente em preparar a futura exposição de 1889, membro da Assembléa Nacional, tem 50 annos de idade; Ferrouillat, ministro da justiça e dos cultos, é o mais velho dos membros do actual gabinete, pois nasceu em 1820, fez parte das cortes constituintes de 1848, e em 1871 foi eleito deputado por Var, em 1876 e 1885 senador pelo mesmo departamento; Pierre Legrand, ministro do commercio e industria, tomou parte na organisação da defeza nacional em 1870, sendo perfeito do Norte, eleito deputado por Lile em 1876, não obteve ser reeleito em 1885, foi eleito, porém, depois em eleição parcial, tem 54 annos de idade e já foi ministro da republica; Deluns Montand, ministro das obras publicas, é um orador distincto, eleito deputado em 1878 pelo departamento de Lot-et-Garonne, nasceu em 1845, pertence á esquerda da camara; Viette, ministro da agricultura, fez parte do ministerio cahido e ficou com a mesma pasta que tinha.

Filippe de Carvalho. O tumulo ergueu a sua pesada tampa para receber mais um cidadão prestante e honrado, que luctou por não menos de trinta annos na imprensa, á qual dedicou o melhor da sua actividade, Filippe de Carvalho. Foi um dedicado membro do partido regenerador, e era tal a sua admiração por Fontes Pe-

O NOVO PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

reira de Mello, que quando este estadista morreu, dizia que com elle tinha morrido o partido regenerador; n'isto Filippe de Carvalho revelava a grande affeição que tinha por Fontes. Apesar da sua grande actividade e genio emprehendedor, raro tirou proventos vantajosos das suas emprezas. Filippe de Carvalho nasceu em Bouças, a 23 de agosto de 1822, e principiou a sua vida de jornalista escrevendo no *Commercio do Porto*; o proprietario d'este jornal escolheu-o mais tarde para correspondente em Lisboa, e Filippe de Carvalho veiu para a capital desempenhar esse então difficil encargo com muita intelligencia, de modo que as suas correspondencias eram sempre lidas com interesse, em todo o norte do paiz. Não se limitou, porém, simplesmente á tarefa de correspondente do *Commercio do Porto*; em 1858 fundou um jornal *A Mala da Europa*, que não teve longa vida, depois *A America*, e em 1862 a *Correspondencia de Portugal*, folha de grandes dimensões, que se publicava á sahida dos paquetes do Brazil e que chegou a ter longa vida gloriosa, vida que pouco a pouco foi perdendo, nos ultimos tempos, com a concorrencia de outras publicações similhantes que em Lisboa se principiaram a editar para o Brazil. A sua empreza resentiu-se d'esta concorrencia, e Filippe de Carvalho, depois de ter luctado muito tempo com as difficuldades que dia a dia cresciam, acabou com a *Correspondencia de Portugal* quasi exhausto de meios e de saude. Entretanto a sua *Correspondencia* fez-lhe falta, falta sobre tudo ao seu espirito activo; entristeceu, desgostoso e acabrunhado, principiou a arrastar uma existencia sem ideaes, em que a força moral e phisica já não tinham o vigor de outros tempos. Foi assim que ainda tentou a publicação do *Partido Regenerador*, jornal que viveu pouco, como pouco havia de viver o seu fundador. Apesar de jornalista e politico, nunca pensou em arranjar uma collocação que lhe garantisse o futuro; esta isenção, este desinteresse é sem duvida uma nota muito distincta da sua biographia. Não lhe faltaria a elle ensejo para honrarias e benezes officiaes se as quizera, preferiu morrer sem ellas. Foi por muitos annos deputado pelo circulo da Horta (Açores) e os seus eleitores deveram-lhe grandes serviços; a ilha do Fayal deveu-lhe em grande parte o porto artificial, de que elle foi um dos mais fortes defensores no parlamento; a municipalidade da Horta, deu o nome de Filippe de Carvalho á avenida principal da cidade. O seu ultimo trabalho na imprensa foi um opusculo dedicado á memoria de Fontes Pereira de Mello, em que colligiu o que de mais importante se tinha escripto na imprensa por occasião da morte do grande estadista. Este ultima empreza foi tambem para Filippe de Carvalho a ultima decepção; a edição que fez de 10:000 exemplares distribuiu-a quasi toda, mas o resultado pecuniario d'ella não chegou para a quarta parte da despeza que fez, porque lhe não pagaram! Assim nol-o contou elle com ingenuo espanto seu e grande convicção nossa. Ha poucos mezes Filippe de Carvalho teve um forte ataque cardiaco que o poz á beira do tumulo; melhorou, porém, e foi até ao Porto, á terra da sua infancia, procurar linetivo para os seus males; triste lenitivo, porém, foi esse em que o esperava a morte. Na manhã de 19 de abril deu a alma ao creador, em Mattosinhos. Descançou emfim.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Album de Costumes Portuguezes, *cincoenta chromos de aguarellas originaes de Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhoa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros com artigos descriptivos de Fialho d'Almeida, Julio Cesar Machado, Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, e Xavier da Cunha.* David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo 1, chromo o *Trapeiro*, por M. de Macedo, com um esplendido artigo de Ramalho Ortigão. O *Album de costumes portuguezes* é uma obra verdadeiramente nacional, producção de artistas portuguezes e de escriptores portuguezes dos mais distinctos, e vem revellar os progressos que tem feito em Portugal, tanto as artes do desenho e da pintura, como a lythographia, na especialidade de chromos, que ainda ha poucos annos era quasi desconhecida na lythographia portugueza. Folgâmos de vêr o digno editor sr. David Corazzi encetar uma publicação tão portugueza, onde as artes se affirmam com tanta distincção, e onde o publico encontra uma obra sua, do seu paiz, que o anime alegremente pelos progressos realisados, que se recommenda pelo seu proprio valor. Se considerar-mos que o *Album de costumes portuguezes* é a primeira obra a valer que n'este genero se faz no nosso paiz, redobra o seu interesse para o publico, que estamos certos a receberá auspiciosamente. Os chromos são executados na lythographia Guedes, cujos primorosos trabalhos em chromo são já bem conhecidos, competindo vantajosamente com que se faz no estrangeiro.

Relicario, *versos* por Vicente de Carvalho o Santos, 1888. Um pequeno volume de versos de um poeta brazileiro, que é uma promessa, uma esperança para a poesia do novo mundo, onde os poetas cantam na lingua de Camões.

Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias em 1887. Conforme o costume dos mais annos, a empreza do *Diario de Noticias* acaba de distribuir o seu 23.º brinde, um volume de contos em que collaboram Christovam Ayres, Alberto Pimentel, Sousa Viterbo, Alfredo Gallis, Daniella e Eduardo Coelho Junior. Cada um d'estes distinctos escriptores firmam um conto gracioso, fino, formando o todo do livro um delicado *boquet* com que a empreza do *Diario de Noticias* presenteia os seus numeros assignantes.

O Boletim Postal, *publicação trimensal, informadora, litteraria, noticiosa, etc.* Lisboa n.º 1 do 1.º anno. Este periodico dedicado a assumptos do correio e telegrapho, propõe-se a advogar os interesses dos empregados postaes, e a prestar ao publico esclarecimentos sobre os serviços do correio e telegraphos. É justo e util o seu fim.

As Farpas, *o paiz e a sociedade portugueza.* Ramalho Ortigão, David Corazzi editor, Lisboa. Continua regularmente a publicação d'esta conceituada obra, achando-se distribuida até ao fasciculo n.º 27, correspondente ao 4.º volume.

Correio de Portugal, *folha colonial publicada á sahida dos paquetes para a Africa Occidental e Oriental*, redactor principal Antonio de Castilho, proprietario Greenfield de Mello. Com este titulo principiou a publicar-se em Lisboa um periodico que se dedica a assumptos das nossas colonias. É uma folha bem redigida e que deve ser bem recebida em Africa.

Historia da Luzitania e da Iberia. *Desde os tempos primitivos ao estabelecimento definitivo do dominio romano, parte fundada em documentos, até ao presente indecifraveis*, por João Bonança. Está publicado o fasciculo n.º 7 d'esta obra monumental. Assigna-se por fasciculos de 32 pag. pagos no acto da entrega em Lisboa e nas terras em que houver estações postaes, 400 réis cada um; cada volume pago adiantado, 6$000 réis; a obra completa 17$000. Toda a correspondencia á Empreza da Historia da Luziiania e da Iberia. —Rua Ivens, 41, Lisboa.

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa